







**ABSTRACT:** In the Bakhtinian approach, the concept of *social voices* is related to different positions, points of view, ideological postures. In this work, we aim to engage in a discussion about the development of this category in the writings of the so-called Circle of Bakhtin. From the debate about *social voices*, we work the concept of *heteroglossia*, understood as the multiplicity and the heterogeneity of *social voices* that are interrelated in the universe of dialogical relationships. In this perspective, we also present, in this article, a discussion about the categories *reported speech* and *appreciative accents*, linguistic and discursive resources that mark evaluative positions in the fight of the production of meaning and express the confrontation between different *social voices*.

**KEYWORDS:** Circle of Bakhtin. Social voices. Reported speech. Appreciative accents.





## 1. INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

Neste artigo, apresentamos uma discussão sobre o conceito de *vozes sociais* na abordagem bakhtiniana<sup>4</sup> e sobre a questão do discurso citado e da orientação apreciativa, alguns dos mecanismos pelos quais se manifesta o caráter heterogêneo da linguagem. Conforme Bakhtin (2010), a língua não deve ser compreendida como um sistema linguístico de categorias gramaticais abstratas, mas como uma realidade, estratificada ideologicamente e socialmente, em que se confrontam diversas visões de mundo, ou seja, diferentes posicionamentos axiológicos.

A concepção de linguagem como uma atividade dialógica, heterogênea, construída a partir da interação com o outro é um princípio que norteia e fundamenta a produção teórica do chamado Círculo de Bakhtin<sup>5</sup>. Nessa

<sup>3</sup> Este trabalho apresenta parte da discussão desenvolvida na dissertação de mestrado de Sipriano (2014), intitulada “Vozes Sociais e produção de sentidos: a representação do beato José Lourenço e do Movimento Caldeirão na cobertura do Jornal *O Povo* (1934-1938)”.

<sup>4</sup> Jacob L. Mey, sob uma perspectiva pragmática, faz uso também do termo “voz social”. Esta concepção do autor guarda certos pontos de contato com a abordagem bakhtiniana, como se pode constatar: “[...] as vozes dos humanos são os instrumentos constitutivos sobre os quais se funda, em última instância, a orquestração da sociedade. Como personagens sociais e agentes, os humanos ‘inventam’ e estruturam a maneira como querem viver, mas também estão sujeitos às suas próprias criações [...]” (MEY, 2001 p. 27). Em Mey (2001), podemos afirmar que o conceito de voz é utilizado em sentido lato: “De forma ampla, ‘voz’ é usada metaforicamente para qualquer atividade relativa ao uso da linguagem.” (MEY, 2001, p.25); e em sentido restrito: “a correta interpretação das vozes e dos textos pertence a seus donos; além disso, os ‘textos’ não são nada mais do que uma metáfora daqueles grupos de relações sociais aos quais, em minha terminologia, é dada uma ‘voz’ para que esta seja falada e lida” (MEY, 2001, p. 251, 252). Entretanto, embora existam alguns aspectos similares da proposta de Mey à de Bakhtin, a abordagem do teórico russo, como mostraremos ao longo do artigo, tem muitas peculiaridades conceituais que se afastam, em certa medida, da abordagem do teórico inglês.

<sup>5</sup> Importante destacar que o pensamento bakhtiniano é constituído não apenas pelos escritos de Mikhail M. Bakhtin (1895-1975), mas também pela produção de estudiosos de diferentes áreas que participaram, no contexto histórico e intelectual das “Rússias, entre os anos 1920 e 1970, de vários e produtivos círculos de discussão e construção de uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos” (BRAIT, 2009, p. 9). Faraco (2009) destaca que a denominação “Círculo de Bakhtin” é a expressão utilizada para designar o conjunto da obra de um grupo de intelectuais que se reunia com regularidade, de 1919 a 1929, na Rússia, nas cidades de Nevel, Vitebsk e São Petersburgo (Leningrado). Faraco (2009) esclarece, ainda, que essa denominação foi atribuída posteriormente pelos estudiosos das obras desses pensadores russos e que a escolha do nome de Bakhtin se justifica, pois, de todos, ele foi quem produziu a “obra de maior envergadura”. A produção do Círculo de Bakhtin ganhou visibilidade no Ocidente a partir dos anos 1960 e exerce, ainda hoje, forte influência nos estudos da linguagem e nas Ciências Humanas em geral. Entretanto, Cunha (2011) destaca que há diferentes “Bakhtins” e diferentes desenvolvimentos de suas ideias nos diversos contextos de recepção.





perspectiva de estudos da linguagem, questiona-se a ideia do “Adão mítico” (o qual, utopicamente, teria sido o primeiro a designar o mundo), pois tudo que é dito relaciona-se ao “já dito”. Todo discurso é construído a partir do diálogo com outros discursos.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 2010, p 88).

Toda fala dialoga com falas que a precedem e a sucedem, formando um elo da cadeia da comunicação verbal. Toda fala, portanto, se configura a partir de sua relação com o outro, pois está repleta de “ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2006, p. 297).

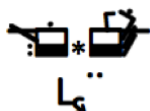
## **2. SOBRE O CONCEITO DE VOZES SOCIAIS NA ABORDAGEM BAKHTINIANA**

Bubnova (2011) destaca que Bakhtin utiliza amplamente, ao longo de sua produção teórica, um vocabulário ligado à oralidade e à escuta (vozes, tom, polifonia, acento, etc.). Essa autora ressalta que o termo *voz*, em Bakhtin, tem um sentido metafórico, pois não se trata de uma mera emissão vocal, mas da “maneira semântico-social depositada na palavra”, assim, segundo Bubnova (2011, p. 276) “voz se identifica com opinião, ponto de vista, postura ideológica”.

De acordo com essa autora, até mesmo o conceito de enunciado na teoria bakhtiniana é uma metáfora da oralidade codificada na escrita (o enunciado é a unidade mínima de sentido que pode ser respondida no processo de

---

Cunha (2011, p. 119) ressalta, ainda, que “autores como Sériot (2010)” negam “a ideia de *Círculo de Bakhtin*, ‘uma invenção tardia e apócrifa’, em razão de a expressão nunca ter sido usada na época em que eles se reuniam. Encontra-se um registro, em 1967, do psicolinguista Leontev, e na forma de discurso reportado, numa entrevista dada por Bakhtin a Duvakin nos anos 1970. *Círculo de Bakhtin* dá a ideia de que Bakhtin foi o líder.”





comunicação dialógica). Assim, as *vozes sociais*, em confronto no horizonte dialógico, se constituem a partir da relação com *vozes* anteriores e, por sua vez, dirigem-se a outras *vozes*, ou seja, suscitam uma resposta.

O sentido é, então, uma resposta a algo dito antes, e, é algo que pode ser respondido. A voz é, assim, a fonte de um sentido personalizado; atrás dela há um sujeito pessoa; mas não se trata de uma “metafísica da presença”, dos sentidos pré-existentes e imóveis, nem de algo fantasmagórico, mas de um constante devir do sentido permanentemente gerado pelo ato-resposta, que vai sendo modificado no tempo ao ser retomado por outros participantes no diálogo (BUBNOVA, 2011, p. 272).

Nesse sentido, as *vozes sociais* se materializam através da interação verbal entre indivíduos socialmente organizados. Importante destacar que, nessa abordagem, o “social” não é uma simples oposição ao “individual”, tendo em vista que o “individual” “é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p.58).

No ensaio “O Discurso no Romance” <sup>6</sup>, Bakhtin (2010) discute sobre estratificação social e ideológica da linguagem e toma o romance como um “microcosmo” dessa realidade saturada. Conforme esse autor, o contexto social concreto, no qual a prosa romanesca é construída, ressoa dentro do próprio discurso do romance, compreendido como uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente. Nessa obra, Bakhtin trabalha os problemas estilísticos no discurso literário a partir de uma abordagem filosófica e sociológica, que questiona uma concepção de língua como unidade neutra, homogênea e monológica.

---

<sup>6</sup>O ensaio “O Discurso no Romance” (DR) foi escrito nos anos de 1934-35, período em que Mikhail Bakhtin estava no exílio em Kustanai, Cazaquistão. O “Discurso no Romance” foi apresentado como conferência no Instituto de Literatura Universal da Academia de Ciências da URSS em 1940, entretanto, só teve sua primeira publicação em 1975, em uma edição póstuma, que reúne ensaios escritos entre décadas de 1920 a 1970. A coletânea foi traduzida para o português, em 1988, com o título “Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance” (Cf. CAMPOS, 2012). Lahteenmäki (2005) destaca que dois capítulos do ensaio haviam sido publicados em 1972, no periódico russo “Voprosyliteratury”. Esse autor ressalta, ainda, que “é possível pressupor que os manuscritos de DR não tenham sido publicados na sua íntegra, mas com ‘cortes’. Certas passagens foram editorialmente retiradas do manuscrito antes da sua publicação e esse fato é revelado nos comentários do editorial sobre as notas de trabalho que datam dos primórdios de 1950” (LAHTEENMÄKI, 2005, p. 46).





Deste modo, em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos socioideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc., etc. Estes "falares" do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos "falares" socialmente típicos (BAKHTIN, 2010, p.98).

Nesse sentido, Bakhtin trabalha o caráter heterogêneo da língua não apenas do ponto de vista linguístico, restrito a questões dialetológicas, mas em uma abordagem discursiva, segundo a qual, em uma enunciação concreta, confrontam-se diferentes perspectivas socioideológicas. Assim, a linguagem/ os discursos/ os enunciados são permeados por uma multiplicidade de *vozes sociais*, por diferentes posicionamentos, ideologias, intenções, posturas e pontos de vista de sujeitos históricos.

A língua, portanto, deve ser compreendida a partir de sua orientação dialógica, que, segundo Bakhtin, é um fenômeno próprio a todo discurso. Assim, de acordo com Bakhtin, a concepção de linguagem monológica, única e homogênea é construída historicamente e expressa os processos de unificação e centralização das forças linguísticas, as quais Bakhtin denomina forças *centrípetas*<sup>7</sup>. Em contraponto a esse processo de centralização, existem forças que promovem a descentralização e desunificação, as forças *centrífugas*. A enunciação concreta é compreendida como uma unidade contraditória dessas duas tendências opostas da vida verbal: as forças centralizadoras (*centrípetas*) e as descentralizadoras (*centrífugas*).

Em cada momento da sua formação a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos, no sentido exato da palavra (formalmente por indícios linguísticos, basicamente por fonéticos), mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, "profissionais", "de gêneros", de gerações, etc. A própria língua literária, sob este ponto de vista, constitui somente uma das línguas do plurilinguismo e ela mesma por sua vez estratifica-se em linguagens (de gêneros, de tendências, etc.). E esta estratificação e contradição reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua

<sup>7</sup> Vale ressaltar o contexto em que o ensaio *O discurso no romance* foi produzido. Conforme Clark e Holquist (2004, p.287), "termos como 'linguagem unificada', 'centralização', 'gêneros oficiais', 'canonização do sistema ideológico' e 'linguagem correta' não poderiam ser escolhidos, em 1934, de maneira inocente e fortuita". O regime político da Rússia nos anos 1930 implementava políticas com vistas a unificação e padronização de vários aspectos da vida social, inclusive no que se refere à língua e à diversidade étnica, entre elas, a exigência de que a produção literária seguisse um método canônico, que ficou conhecido como "realismo socialista".





dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se; ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação (BAKHTIN, 2010, p.82).

Em confronto com as forças centralizadoras, há uma multiplicidade de *vozes sociais* que expressam as forças da pluralidade e da descentralização. Fiorin (2006, p. 31) destaca que, a partir do conceito de forças *centrípetas* e *centrífugas*, “Bakhtin desvela o fato de que a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder. Não há neutralidade no jogo das vozes”.

No contexto desse debate, Bakhtin (2010) desenvolve o conceito de *heteroglossia* (*plurilinguismo/ pluridiscorso*)<sup>8</sup>. Esse autor enfatiza que o verdadeiro meio da enunciação é o confronto entre as diversas *vozes sociais*, é a *heteroglossia*, que se efetiva no universo das relações dialógicas<sup>9</sup>.

A língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior, destas diferentes perspectivas (BAKHTIN 2010, p. 96).

Faraco (2009) esclarece que o termo *heteroglossia* diz respeito à realidade heterogênea da linguagem, permeada por confrontos entre uma multiplicidade de *vozes sociais*. Ressaltamos que termos como *heteroglossia/ plurilinguismo/ pluridiscorso* são trabalhados como equivalentes em diversos estudos que tomam como referencial a teoria bakhtiniana, mas, não raro, essa utilização gera certa controvérsia na literatura crítica sobre o tema.

<sup>8</sup> Importante destacar que o conceito de *plurilinguismo*, na perspectiva bakhtiniana, não deve ser confundido com a concepção de *diversidade de línguas*, trabalhada, por exemplo, nos estudos de Política Linguística.

<sup>9</sup> Bakhtin (2010) apresenta especificidades entre os termos *heteroglossia* e *heteroglossia dialogizada*. O primeiro diz respeito à diversidade de *vozes sociais* e o segundo está ligado ao confronto entre essa diversidade de *vozes sociais* no universo das relações dialógicas. Entretanto, neste trabalho, utilizamos esses termos como equivalentes, tendo em vista que essa diversidade de *vozes sociais* sempre se efetiva no âmbito das relações dialógicas.







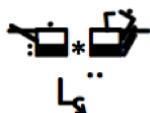
A principal polêmica ocorre porque, com frequência, o termo *heteroglossia* (ou *plurilinguismo*) é compreendido apenas como diversidade de dialetos e formas linguísticas. Campos (2012) ressalta que autores como Brandist (2006) e Lahteenmäki (2005) discutem sobre as implicações e dificuldades de interpretação desse conceito, as quais são decorrentes das diferentes traduções e formas de recepção dos escritos do Círculo de Bakhtin.

Brandist<sup>10</sup> (2006) enfatiza que a discussão sobre a estratificação social da linguagem, desenvolvida por Bakhtin, fica, muitas vezes, obscurecida por questões de tradução, tendo em vista que os termos russos *raznoiazychie* e *raznorechie* foram traduzidos como equivalentes, entretanto possuem uma distinção bem definida no texto original russo. Na tradução norte-americana, por exemplo, “Discourse in the novel”, de 1981, os termos foram traduzidos como *heteroglossia*. Já na tradução brasileira de “Discurso no Romance”, publicada em 1988, os termos aparecem traduzidos, em geral, como *plurilinguismo*<sup>11</sup>. Em nota, os tradutores da edição brasileira ressaltam que o termo russo *rasnoriétchie* e sua forma abstrata *rasnorietchívost* foram traduzidos por *pluridiscurso*, *pluridiscursividade*, respectivamente, quando foi necessário destacar a diferença com *raznoiazitchie* (conjunto de línguas diferentes). Assim, em muitos trabalhos, os termos *heteroglossia*, *plurilinguismo* e *pluridiscurso* são tomados como equivalentes.

Conforme Lahteenmäki (2005), Bakhtin introduz os conceitos de *raznoiazychie* e *raznorechie* a partir da discussão sobre a dinâmica da linguagem e a estratificação ideológica e social de uma língua nacional. Segundo o autor, *raznorechie* refere-se à **pluralidade discursiva**, ou seja, à “coexistência de uma multiplicidade de várias formas linguísticas que competem entre si, por exemplo, registros sociais, profissionais e assim por diante, associados a certos pontos de vista ideológicos” (LAHTEENMÄKI, 2005, p. 43). *Raznoiazychie* refere-se à **pluralidade linguística**, ou seja, à presença de muitos dialetos e línguas (que se diferenciam por determinados

<sup>10</sup>Craig Brandist, estudioso da teoria bakhtiniana, é professor do Departamento de Russo e Estudos Eslavos da Universidade de Sheffield, no Reino Unido.

<sup>11</sup>No francês, esses termos aparecem como *heterologie* ou *plurilinguisme*.





traços lexicais, gramaticais e fonéticos) dentro de uma dada comunidade linguística.

Nesse sentido, Lahteenmäki (2005) enfatiza que a estratificação social, na perspectiva bakhtiniana, é considerada não apenas um fenômeno linguístico, mas, principalmente, um fenômeno socioideológico, que está ligado a uma multiplicidade de visões de mundo dentro de uma mesma comunidade linguística. Nessa abordagem, o linguístico e o social não se excluem, estão inter-relacionados. Dessa maneira, Bakhtin “identifica *raznorechie* como a diversidade de visões de mundo representadas pelas diferentes formas linguísticas e, portanto, a estratificação social de uma língua vem a significar a coexistência de diferentes perspectivas ideológicas dentro de uma única língua nacional” (LAHTEENMÄKI, 2005, p. 49).

Essa distinção entre os termos *raznoiazychie* e *raznorechie* é significativa, na medida em que contribui para esclarecer que a concepção de estratificação da realidade trabalhada por Bakhtin não se restringe a questões como marcas dialetais. Assim, as formas linguísticas correspondem a diferentes perspectivas ideológicas. Sobre essa questão, Faraco (2009) destaca:

Aquilo que chamamos de língua não é só um conjunto difuso de variedades geográficas temporais e sociais (como nos ensinam a dialetologia, a linguística histórica e a sociolinguística). Todo esse universo está também atravessado por outra estratificação, que é dada pelos índices sociais de valor oriundos da diversificada experiência sócio-histórica dos grupos sociais. Aquilo que chamamos de língua é também e principalmente um conjunto indefinido de vozes sociais (FARACO, 2009, p. 57).

A língua, portanto, é vista como um conglomerado de perspectivas ideológicas que competem entre si, uma diversidade de posições sociais avaliativas. Neste sentido, a *heteroglossia* está relacionada à tessitura entre diferentes *vozes sociais* em confronto no processo de enunciação, no horizonte das relações dialógicas. Conforme Bakhtin (2010)

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema





estilístico harmonioso, expressando a posição sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da sua época (BAKHTIN, 2010, p. 106).

A partir da discussão sobre o embate de forças contraditórias no processo de comunicação verbal (centralizadoras e descentralizadoras), fica claro que o jogo de *vozes* se dá a partir de tensas relações de poder.

Cabe destacar, ainda, que a *heteroglossia*, muitas vezes, é tomada como equivalente a outra categoria bakhtiniana, *polifonia*, entretanto, no âmbito da teoria bakhtiniana, *heteroglossia* e *polifonia* possuem especificidades conceituais que as distinguem. O termo *polifonia* é utilizado por Bakhtin (2013) para caracterizar o gênero romanesco criado por Dostoiévski: o romance polifônico<sup>12</sup>. Assim, nos escritos bakhtinianos, “a polifonia se define pela convivência, em um mesmo romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes” (BEZERRA, 2009, p. 194). No romance polifônico, o autor orchestra as várias vozes que interagem na narrativa, mas todas elas estão em igualdade de posição, uma não se submete às outras. Assim, a polifonia seria caracterizada como espaço de consenso, já que nenhuma voz se impõe à outra.

Faraco (2009, p.78) adverte que é inadequado não distinguir *polifonia* e *heteroglossia*, pois “**polifonia** não é, para Bakhtin, um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes”<sup>13</sup>. A multiplicidade de *vozes sociais* que caracterizam a estratificação da língua não

---

<sup>12</sup>Vale ressaltar que o conceito de polifonia é trabalhado, em outras perspectivas, por diversos autores. Em uma abordagem enunciativa, Oswald Ducrot (1987), tomando como referência o princípio do dialogismo bakhtiniano, procurou aplicar o conceito de polifonia, a partir da análise da presença de diversas vozes em enunciados isolados. O autor faz esse estudo com o intuito de questionar o pressuposto da unicidade do sujeito falante. Ducrot considera que essa pluralidade de vozes presentes na enunciação pode ser analisada a partir de marcas linguísticas.

<sup>13</sup>Faraco (2009) destaca que o termo *polifonia* possui pouca produtividade analítica, pois, no pensamento bakhtiniano, é mais uma categoria ética e filosófica do que propriamente literária. Assim, esse autor ressalta que o termo *polifonia*, em Bakhtin, pode ser compreendido como uma “metáfora” da “utopia” de um “mundo polifônico”, que seria radicalmente democrático, pluralista e onde nenhuma voz social subjugaria outra.





gera, necessariamente, uma realidade polifônica (em que todas as vozes seriam equivalentes) <sup>14</sup>.

Assim confundir esses termos limita, por exemplo, a percepção de que os discursos que circulam socialmente têm peso político diferenciado; e de que, no jogo dos poderes sociais, há [...] um contínuo esforço centrípeto (monologizante) dos discursos que ambicionam se impor como um centro, buscando reduzir e impor a heteroglossia (FARACO, 2009, p. 78).

Dessa forma, a *heteroglossia* diz respeito à multiplicidade de *vozes sociais* conflitantes, no horizonte das relações dialógicas, em disputa por posições de controle e hegemonia. Nessa perspectiva, o dialogismo se manifesta na *heteroglossia*, que é palco de um jogo dialógico de valores antagônicos. Essa diversidade de *vozes sociais* se expressa, de um ponto de vista linguístico-discursivo, por meio de mecanismos como o *discurso citado* e os *acentos apreciativos*, sobre os quais discutimos, brevemente, a seguir.

## 2.1 O *discurso citado* na teoria bakhtiniana

Na abordagem bakhtiniana, a língua não é compreendida desvinculada do seu exterior, pois é constituída a partir do fenômeno social da interação verbal, do diálogo entre os sujeitos e o contexto histórico-social. A língua, portanto, é heterogênea: o “outro”, o exterior, está inscrito no discursivo e dele é constitutivo. O discurso citado (discurso direto, indireto e indireto livre) <sup>15</sup>, nesta perspectiva, representa um campo fértil para análise da presença do “outro”, do caráter heterogêneo da linguagem<sup>16</sup>.

A terceira parte do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1990) apresenta uma discussão sobre as “formas da enunciação nas construções sintáticas”. Na obra, Bakhtin/ Volochínov desenvolvem um rico estudo sobre o

<sup>14</sup> Cabe destacar, também, que *polifonia* difere de *dialogismo*, pois as relações dialógicas são um princípio constitutivo da linguagem, já as manifestações da *polifonia*, na abordagem bakhtiniana, referem-se a uma relação dialógica bem específica, na qual há uma equivalência de vozes, pois nenhuma se sobrepõe à outra. Nessa perspectiva, nem sempre que há *dialogismo*, há *polifonia*.

<sup>15</sup> Nesse contexto, o termo “discurso” também pode ser compreendido como “enunciado/enunciação”. A remissão à palavra do outro recebe diferentes designações nos estudos da linguagem, tais como: *discurso citado*, *discurso reportado*, *discurso de outrem*, *palavra outra*.

<sup>16</sup> A discussão aqui desenvolvida sobre discurso citado na teoria bakhtiniana toma como principal referência Bakhtin/Volochínov (1990).





“discurso de outrem”, a partir de uma proposta de “aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos”, numa clara ruptura com as práticas tradicionais da linguística, que trabalhava os fenômenos da linguagem por meio de categorias fonéticas e morfológicas, restritas a um sistema abstrato da língua. Os autores destacam que objetivam traçar os “caminhos do método sociológico em linguística”, assim o estudo da sintaxe só seria possível a partir da elaboração de uma teoria da enunciação.

Bakhtin/Volochínov (1990) afirmam que a análise sintática dos discursos constitui uma análise do corpo vivo da enunciação, ou seja, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas de enunciação. Dessa forma, o *discurso citado*, na teoria bakhtiniana, é trabalhado em uma perspectiva enunciativa, não se restringe, portanto, à análise frasal, desvinculada de relação com o outro, com a exterioridade. Nesse sentido, Bakhtin/ Volochínov (1990) dedicam-se ao estudo dos esquemas de apreensão do *discurso citado* (discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre) e das variantes desses esquemas.

Segundo Bakhtin/ Volochínov (1990, p.144), o *discurso citado* é o “discurso no discurso a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Assim, a retomada do discurso citado marca a interação entre discursos, entre enunciações. O discurso reportado possui um sentido (construído em dada enunciação) que é mobilizado e reelaborado e passa a fazer parte dos sentidos de outra enunciação - aquela em que ocorre a retomada desse discurso. Conforme Bakhtin/ Volochínov (1990), as formas do discurso citado refletem tendências sociais estáveis da recepção ativa do discurso de outrem. Há, portanto, uma inter-relação dinâmica entre discurso citado e contexto narrativo (a enunciação que retoma o discurso do outro). “Essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p.148).

Assim, diferentes acentuações podem ser estabelecidas entre o narrador e o discurso do outro, num processo interativo. O discurso citado e o contexto





narrativo unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas. A remissão ao discurso do outro, nesse sentido, não é uma atitude desinteressada, sem propósito, pois há um confronto entre “o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo”. É nesse encontro de enunciações que se materializam os embates da dinâmica social e ele deve ser o foco para a análise dos sentidos construídos a partir da remissão ao discurso do outro. Não há como analisar o discurso citado desvinculado de sua relação com o contexto narrativo.

Nesse sentido, a remissão à palavra do outro envolve uma postura ativa e apreciativa daquele que a retoma. “Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado de palavra, mas, ao contrário, um ser cheio de palavras interiores” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p.147). Assim, Bakhtin/ Volochínov (1990) consideram que encontramos no discurso citado um documento objetivo que esclarece os problemas referentes à recepção ativa do discurso do outro.

Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na “alma” do receptor, mas sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam na língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1990, p.146).

Nesse sentido, o discurso citado é compreendido como uma marca da presença do outro na enunciação, um índice do caráter heterogêneo da língua e não apenas como um problema gramatical, limitado ao nível da frase, desvinculado de relação com a exterioridade, com as tensas relações da dinâmica social. Os estudos bakhtinianos, portanto, lançam um novo olhar nas abordagens sobre o fenômeno de transmissão da palavra do outro, ainda hoje, muitas vezes, restrito a uma questão gramatical e/ou estilística.

## **2.2 Acentos apreciativos/ Entonação**





No universo das relações dialógicas, os enunciados expressam sempre uma postura valorativa (axiológica)<sup>17</sup>, um horizonte social de valor; os discursos são marcados por apreciações/entonações que manifestam diferentes posicionamentos. Assim, os sujeitos estabelecem um diálogo com o discurso do outro – apoiando-o, questionando-o, reacentuando-o, assumindo uma posição valorativa.

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por **apreciações** de outros e por **entonações**. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico (BAKHTIN, 2010, p.86. *grifo nosso*).

Ao longo das obras do Círculo de Bakhtin, o debate sobre a dimensão apreciativa da enunciação emerge a partir de diferentes conceitos como *índice social de valor, entoação expressiva, tom, estilo, tonalidade, entonação, apreciação, acento apreciativo, acento avaliativo, posicionamento valorativo, julgamento de valor, avaliação*. Aqui trataremos a questão do acento apreciativo, sobretudo, a partir dos conceitos de *entonação e entoação expressiva*, trabalhados, em especial, em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1990), “A palavra na vida e na poesia” (VOLOCHÍNOV, 2011), “Gêneros do Discurso” (BAKHTIN, 2006) e “O Discurso no Romance” (BAKHTIN, 2010).

Conforme destaca Dionísio (2010, p.48)<sup>18</sup>, a *entonação*, para o Círculo de Bakhtin, contempla aspectos próprios da comunicação oral, tais como “‘tom’,

<sup>17</sup>De acordo com Flores (2009, p.45), na teoria bakhtiniana, a dimensão axiológica pode ser definida como o “tratamento avaliativo que constitui todo enunciado”. É equivalente a expressões como acento apreciativo, acento de valor, posição avaliativa, valoração.

<sup>18</sup>Dionísio (2010) produziu um estudo sobre como a noção de “valor” é trabalhada pelo Círculo de Bakhtin. A autora aborda desde as primeiras reflexões do Círculo sobre a questão axiológica, presentes no texto *Para uma filosofia do Ato*, passando pela discussão sobre entonação, nas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, *Discurso na Vida e Discurso na Poesia* e *Gêneros do Discurso* (presente na coletânea *Estética da Criação Verbal*), até a questão da axiologia e das relações dialógicas, a partir da obra *Problemas da poética de Dostoiévski*.





entendido como ‘padrão de altura da voz’; ou como prosódia: ‘variações de altura, volume, ritmo e tempo (velocidade de emissão) durante a fala’ e ‘diferentes variações do comportamento da voz’”. Entretanto, cabe destacar que a entonação não se restringe à comunicação oral, tendo em vista que “sua concepção ampliada cobre a modalidade escrita, considerando, por exemplo, a seleção dos vocábulos (menos dos dicionários e mais das falas dos outros como decorrência de posicionamentos avaliativos e valorativos)” (DIONÍSIO, 2010, p. 57). Sobre esse aspecto, Dahlet (1997) enfatiza que

A entonação é lugar de memória e lugar de encontro. Lugar de memória acústica e social, pois tanto o autor quanto o leitor estão totalmente impregnados de entonações desde a mais tenra infância, e sua entonação depositada no texto constitui-se da sedimentação dessas diversas entonações ao mesmo tempo que reflete o grupo social ao qual pertencem. Lugar de encontro, pois a entonação é o resultado, além do enunciado, do cruzamento de sua entonação respectiva (DAHLET, 1997, p. 265).

Nessa perspectiva, Volochínov (2011, p.160) <sup>19</sup> trata a entonação como um aspecto que estabelece um vínculo entre a palavra e o contexto extraverbal: “Mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida. E, antes de tudo, justamente na entonação o falante se relaciona com os ouvintes: a entonação é social por excelência.” Esse autor destaca, ainda, que uma das dimensões desse contexto extraverbal é o horizonte de valores compartilhados pelos falantes no meio social.

Assim, a entonação é uma expressão das valorações sociais, portanto se apoia em valores compartilhados por determinados grupos sociais. Essa valoração social não costuma se enunciar, em geral, mantém-se subtendida. Conforme Volochínov (2011), a enunciação é composta de duas partes: a) uma realizada verbalmente e b) uma subtendida. A entonação, nesse sentido, surge como um elo entre o dito e o não dito. Os diferentes tons podem fazer a palavra soar como ameaça, ironia, indignação, etc. A expressão dessas valorações, por meio da entonação, não deve ser compreendida apenas como um ato da individualidade do falante, pois se configura a partir de um horizonte social

<sup>19</sup>Utilizamos a versão para o português do texto de Volochínov (escrito em 1926), *A palavra na Vida e na poesia - Introdução aos problemas da poética sociológica*, publicada em 2011. Na obra, o autor traz uma abordagem sociológica do texto literário.







compartilhado, “um eu somente pode realizar-se na palavra se se apoia nos ‘outros’” (VOLOCHÍNOV, 2011 p. 158).

De acordo com Volochínov (2011), a entonação - que se constrói a partir da enunciação concreta - pressupõe um suposto “coral de apoio”, pois as avaliações são realizadas e compartilhadas a partir de um “chão comum”. “Onde não existe este apoio, a voz se corta como em alguém que ri e logo se perde por ser um riso solitário: o riso se cala ou degenera, volta afetado, perde a segurança e definição e já não é capaz de gerar palavras alegres e burlescas” (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 161). Nesse sentido, Volochínov (2011) destaca que a entonação é vista como um produto da interação social do falante, do ouvinte e daquele de quem ou do que se fala, que pode expressar acordos/ consensos ou desacordos/dissensos. Conforme salienta Amorim (2004, p. 123), o tom de um enunciado “pode ser identificável, por exemplo, pelo contraste de ideias heterogêneas no interior de um mesmo texto - tom irônico, tom polêmico, etc. E o tom de um enunciado escrito, do mesmo modo que a entonação oral define-se precisamente pela relação locutor/interlocutor”.

Assim, os julgamentos de valor determinam a seleção das palavras feitas pelo falante e a compreensão/recepção dessa palavra feita pelo ouvinte. Esse caráter avaliativo se manifesta por meio da entonação que se expressa na materialidade linguística, por exemplo, por meio da escolha de determinados recursos lexicais e composicionais. Dessa forma, algumas palavras podem ser selecionadas, outras, rejeitadas, de acordo com a relação valorativa entre as vozes em diálogo. “A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2006, p.289). Assim, os discursos, permeados por uma multiplicidade de *vozes sociais*, estão carregados de intencionalidades.

No âmbito da discussão sobre as diversas formas de transmissão do discurso alheio, Bakhtin/ Volochínov (1990) destacam que uma das formas de expressão dos acentos valorativos é a entonação expressiva (entonação), que pode revelar diferentes tons (amistoso, cômico, irônico, autoritário). Nesse

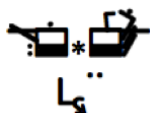




sentido, os sujeitos têm um papel ativo nesse jogo dialógico de posturas e posições valorativas. Assim, a retomada da palavra do outro é compreendida como uma atitude valorativa, que expressa determinados acentos apreciativos e não como uma atitude desinteressada e isenta de intencionalidades. Esses acentos revelam um estilo, aqui compreendido não apenas como expressão individual do enunciador, mas como uma réplica a outros enunciados, uma expressão dos embates que se efetivam no horizonte das relações dialógicas.

Assim, a relação entre os sujeitos enunciadorese se dá de maneira responsiva, dialógica, tendo em vista que todo enunciado responde a um enunciado anterior e espera uma resposta, é dirigida ao outro. No debate sobre a remissão à palavra do outro, Bakhtin/ Volochínov (1990) enfatizam que toda enunciação tem uma orientação apreciativa. Ao tratar do problema da construção dos sentidos, Bakhtin/ Volochínov (1990) distinguem *tema* e *significação*, duas partes constitutivas dos sentidos dos enunciados. O *tema* diz respeito aos elementos concretos, históricos, individuais e não reiteráveis, é determinado não apenas pelas formas linguísticas, mas também pelos elementos não verbais. A *significação* não possui uma existência histórica concreta, está ligada aos elementos linguísticos, abstratos, idênticos e reiteráveis. Podemos dizer que é a palavra em seu sentido estável, “dicionarizada”. Bakhtin/Volochínov (1990) enfatizam a inter-relação entre esses dois aspectos, “não há tema sem significação e vice-versa”.

Os sentidos, portanto, são construídos a partir de um processo que envolve a dinâmica do *tema* e a estabilidade da *significação*, “o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação, caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, seu sentido” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1990, p. 129). No âmbito dessa discussão, esses autores destacam que, além de *tema* e *significação*, toda palavra possui um acento de *valor* ou *apreciativo*, “sem acento apreciativo não há palavra”. As apreciações sociais dos interlocutores se exprimem por meio da *entonação*. “Pode-se, é claro, pronunciar a mesma palavrinha favorita com uma infinidade de entonações diferentes, conforme as diferentes situações ou



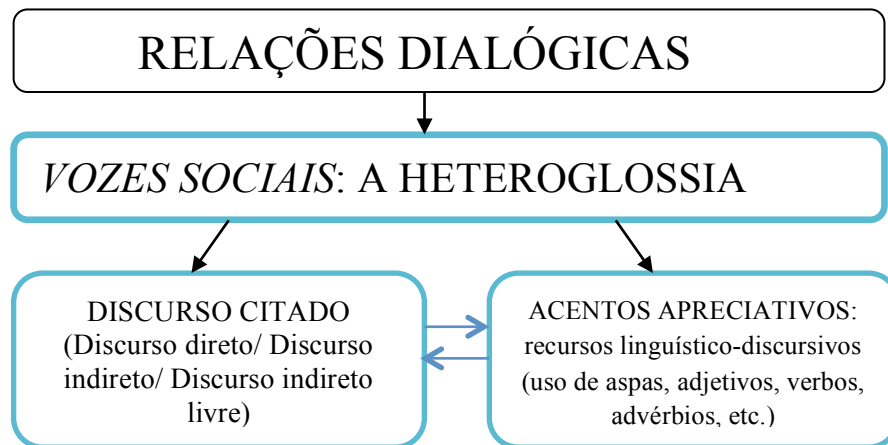


disposições que podem ocorrer na vida” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1990, p. 134).

A entonação e os acentos apreciativos assinalam uma tomada de postura em relação à multiplicidade de *vozes sociais* que caracterizam a heteroglossia. Nesse sentido, a escolha de determinados recursos linguístico-discursivos (tais como as aspas e o uso de certos verbos e adjetivos) não é neutra, pois exprime uma postura avaliativa e situa a enunciação axiologicamente.

A seguir, apresentamos um quadro que procura sintetizar a inter-relação entre os conceitos teóricos discutidos no decorrer deste trabalho.

**Quadro 1- Categorias bakhtinianas**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Bakhtin/ Volochínov (1990), somente os elementos abstratos considerados no sistema da língua e não na estrutura da enunciação se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo. A estratificação social e ideológica da linguagem é, portanto, penetrada por intenções, acentuada pelas diferentes *vozes sociais* que compõem o universo da heteroglossia.

O discurso citado e as diferentes entoações e acentos apreciativos





expressam uma postura ativa dos interlocutores, a partir de determinado horizonte social de valor, na corrente da comunicação verbal. Nesse sentido, esses diversos horizontes de valores, axiologias, resultam em inúmeros discursos, atravessador por *vozes sociais*, que são “complexos semiótico-axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo” (FARACO, 2009, p.51).

Por fim, cabe ressaltar que este trabalho apresenta uma discussão teórica acerca dessas categorias, na perspectiva bakhtiniana, e pode: servir de base para analisar, em diferentes tipos de textos/discursos, como as *vozes sociais* revelam dialogicamente o embate de diferentes posicionamentos ideológicos marcados, na materialidade discursiva, por elementos linguísticos e textuais; contribuir e dialogar com a diversidade de pesquisas que se voltam para essa abordagem teórica.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini *et alii*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

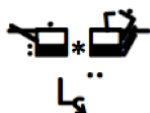
BAKHTIN, M. (V.N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. Trad. Michel Lahub e Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 191-200.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRANDIST, C. Mikhail Bakhtin e os primórdios da sociolinguística soviética. In: FARACO, C, TEZZA, C., CASTRO, G. **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p. 67-88.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1): Ago./Dez. 2011, p. 268-280.





CAMPOS, M. I. B. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, Beth. **Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 2004.

CUNHA, D. A. C. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. In: **Bakhtiniana**, Revista de estudos do discurso, 5, 2011, p. 116-132.

DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 263-279.

DIONÍSIO, M. T. **A questão do valor na linguagem para (o Círculo de) Bakhtin**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2010.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba/PR: Criar Edições, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo, Ática, 2006.

FLORES, V. do N. et al. (org). **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

LAHTEENMÄKI, M. Estratificação Social da Linguagem no “Discurso sobre o Romance”: o contexto soviético. In: ZANDWAIS, A. (Org.) **Mikhail Bakhtin: Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005.

MEY, J. L. **As Vozes da Sociedade**: seminários de Pragmática. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SIPRIANO, B. F. **Vozes sociais e produção de sentidos**: a representação do beato José Lourenço e do movimento Caldeirão na cobertura do jornal *O Povo* (1934-1938). Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.

VOLOCHÍNOV, V. N (BAKHTIN, M. M.). A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, Valentin N (BAKHTIN, Mikhail). **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. Org. e equipe de trad. V. Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

Recebido em 20 de maio de 2017

Aprovado em 22 de maio de 2017

